

Céline Scheen

Céline Scheen concluiu sua formação na Escola de Música e Teatro de Guildhall, em Londres, com Vera Rosza, graças ao apoio da fundação Nancy Philippart.

Scheen interpretou obras de Bach, Graupner, Monteverdi, Rameau e Zelenka com o Ensemble Pygmalion/R. Pichon, Les Siècles/FX Roth, Collegium 1704 & Vaclav Luks, entre muitos outros, sob a direção de René Jacobs, Jordi Savall, Philippe Herreweghe, Ivor Bolton, Louis Langré.

No campo da ópera interpretou Zerlina em *Don Giovanni* (G. Corbiau), Coryphee em *Alceste* de Gluck (La Monnaie, I. Bolton / B. Wilson), Atilia em *Eliogaballo* de Cavalli (La Monnaie, Festival d'Insbruck, Jacobs / Boussart), Papagena n.º A *Flauta Mágica* de Mozart (La Monnaie, Caen, Lille, Nova Iorque, R. Jacobs / W. Kentridge e Toulouse, CPFloor / N. Joël), L'Amour e Clarine na *Platée* de Rameau (Ópera do Reno, C. Rousset / M. Clément), La Musica & Euridice em *Orfeo* por Monteverdi (Cremona, A. Marcon). Gravou, nomeadamente, a música do filme *Le Roi Danse* (DG) com os Musica Antiqua Köln e Reinhard Goebel, trabalhou com Paolo Pandolfo para um CD sobre improvisações (Diapason d'or); gravou também o *Orgelbuchlein* de J. S. Bach em conjunto com Mare Nostrum (M.A. Recording); *Barbara Strozzi* com La Cappella Mediterranea e Leonardo Garcia Alarcon (Ambronay); *Amarante* (Flora) com Philippe Pierlot e Eduardo Eguez, bem como *Bellérophon* de Lully com Les Talens Lyriques e Christophe Rousset, e as *Vésperas* de Monteverdi com o Ricercar Consort e Philippe Pierlot.

No palco e em DVD, foi Venus em *Venus & Adonis* por John Blow numa nova produção do Théâtre de Caen que fez uma digressão no Grand Théâtre du Luxembourg, na Ópera de Angers e Nantes, na Ópera de Lille, na Opéra Comique em Paris e no MC2 em Grenoble.

Céline atua regularmente com os seus colaboradores, entre eles o Le Banquet Céleste e Damien Guillon, com quem lançou dois CD na Glossa com as gravações de *Paslm 51* de J.S. Bach e de *Affetti Amorosí*, dedicado a G. Frescobaldi. Colaborou também com os L'Arpeggiatta & Christina Pluhar no recital *Music for a while*, bem como nos espetáculos *Teatro d'Amore*, *Mediterraneo* e *Händel goes wild* com Philippe Jaroussky.

Divino Sospiro

Divino Sospiro é um projeto fundado sobre a qualidade e fidelidade da interpretação musical, mas que aborda o repertório antigo sem nunca abdicar do próprio instinto criativo, com o objetivo de despertar um novo gosto estético, uma nova paixão pelo «ouvir», uma reflexão sobre o objetivo da música e dos músicos.

Ao longo de quase 15 anos, Divino Sospiro percorreu um caminho que, para uma orquestra de câmara, parecia até então impossível de percorrer em Portugal.

Desde a sua criação participou em alguns dos mais prestigiados festivais e apresentou-se em concerto nalgumas das mais importantes salas de Portugal, incluindo a Fundação Calouste Gulbenkian, o CCB, a Casa da Música, a CNB, o Teatro Nacional de São Carlos, tendo participado ainda em alguns dos mais prestigiados festivais e auditórios estrangeiros, entre os quais se destacam Folle Journée de Nantes (França), Folle Journée au Japon (Tóquio), Festival de Varna (Bulgária), FestMuzik Bremen (Alemanha), Mozartiana Festival em Gdansk (Polónia), Auditório Nacional de Espanha em Madrid, La Valletta Early Musica Festival (Malta) e no conceituado Festival d'Ambronay (França), onde Divino Sospiro se apresentou por três vezes.

Entretanto, foram muitos os registos e gravações deste agrupamento, entre os quais destacamos os realizados pela Radio France, Antena 2 e RAI.

A gravação do seu primeiro CD, para a editora japonesa Nichion, com repertório de W. A. Mozart, mereceu o galardão de *bestseller* naquele país; enquanto a gravação da ópera *Antigono* (estreia mundial absoluta em 2011, no CCB) mereceu 5 Diapason da eminente revista francesa homónima. A última gravação (2018), dedicada à obra do compositor italiano Giovanni Paisiello, tem recebido grande destaque pela imprensa internacional. Muitos foram também os registos efetuados para o canal Mezzo e para a RTP.

«Os Divino», como simpaticamente são chamados os músicos do agrupamento, ocupam hoje um lugar incontornável na vida musical de Portugal, sendo reconhecidos pela entrega, curiosidade e pela forma viva e intensa com que abordam o desafio da interpretação musical historicamente informada. Com a passagem dos anos estes fatores foram-se tornando a imagem de marca do grupo.

Atualmente, o repertório da orquestra não se restringe apenas ao período barroco, tendo-se alargado também aos períodos clássico e até romântico, com algumas incursões pela música contemporânea.

Divino Sospiro teve a colaboração de prestigiados artistas, como Vittorio Ghielmi, Chiara Banchini, Christina Pluhar, Rinaldo Alessandrini, Enrico Onofri, Maria Cristina Kiehr, Alexandrina Pendatchanska, Gemma Bertagnolli, Alfredo Bernardini, Katia e Marielle Labèque, Christophe Coin, Emma Kirkby, Deborah York, Francesca Aspromonte, Raffaella Milanese, Ana Quintans, Pedro Burmester, para citar apenas os mais conhecidos.

Sob a direção artística de Massimo Mazzeo, e em colaboração com artistas de renome, Divino Sospiro orgulha-se de ver o seu repertório aumentar ao longo dos anos, numa diversidade de formações que vão desde o agrupamento de câmara até a uma orquestra de ópera, apresentando-se não só em Portugal como também em digressões por todo o mundo.

Divino Sospiro foi durante 10 anos Orquestra em Residência no Centro Cultural de Belém, em Lisboa, desenvolvendo um papel de fundamental importância para a afirmação de uma realidade artística de elevada qualidade a nível internacional. Apostado na internacionalização desde a sua fundação, o agrupamento está na vanguarda da divulgação do património cultural português e dos seus intérpretes, através das suas digressões e participações nos festivais mais importantes. Dos seus compromissos futuros merecem destaque as estreias nos festivais de Halle Festspiele (o mais importante festival dedicado à figura de G.F. Händel), Lyon, Blaibach e da colaboração de artistas como Andreas Scholl, Philippe Jaroussky, Angelika Kirschlager, Ian Bostridge, Celine Scheen, Miah Persson entre outros.

Ao longo de vários anos Divino Sospiro recuperou e apresentou grandes obras de música portuguesa setecentista em estreia mundial moderna, como a ópera *Antigono* de Antonio Mazzoni, ou as Oratórias de Pedro António Avondano *Morte d'Abel* e *Gioas Re di Giuda*, adicionando mais alguns destaques para a reconstituição da figura deste compositor e deste período da História da Música em Portugal.

Seguindo a vocação para a recuperação da tradição musical setecentista portuguesa, Divino Sospiro apresentou-se várias vezes no evento do *Te Deum* inserido na Temporada *Gulbenkian Música* na véspera do dia de São Silvestre, em feliz colaboração com o Coro Gulbenkian.

Finalmente, no ano de 2013, Divino Sospiro criou o Centro de Estudos Musicais Setecentistas de Portugal (DS-CEMSP), em colaboração com a Parques de Sintra – Monte da Lua.

Desde então, e graças a essa importante colaboração, o projeto tem realizado temporadas de música nos Palácios Nacionais de Queluz, Pena e Sintra, colóquios internacionais, exposições, projetos de formação e sensibilização para a música e as artes, além de ter dado vida a um importante projeto de recuperação do acervo histórico do Palácio, constituído pelo pianoforte «Clementi», raríssimo instrumento dos quais se podem contar quatro exemplares em todo o mundo, magistralmente recuperado e regressado ao palco, assim como o repertório focado no conjunto de Serenatas escritas durante o século XVIII para o Palácio de Queluz, único na Europa.

Deste repertório destacam-se as estreias mundiais modernas nos últimos quatro anos, com obras de D. Perez, N. Jommelli, J. Cordeiro da Silva e J. de Sousa Carvalho. Todas as serenatas recuperadas estão hoje publicadas, em edição crítica realizada por Iskrena Yordanova/DS-CEMSP, pelo eminente Instituto Italiano per la Storia della Música, de Roma, reconstituindo um património de inestimável valor que coloca o trabalho de Divino Sospiro e do seu Centro de Estudos, neste âmbito, mundialmente, na linha da frente.

No próximo ano, esta coleção será enriquecida pela apresentação, pela primeira vez em Portugal, da serenata *La contesa delle stagioni*, único drama per música conhecido da autoria de Domenico Scarlatti, compositor de importância insuperável para história da arte musical portuguesa.

Graças à colaboração de um mecenas tão inspirado, foi já possível dar vida a uma realidade que conseguiu atrair algumas das figuras mais importantes, quer no âmbito

da ciência musicológica quer da interpretação da música, tendo como resultado um acréscimo significativo na área da proposta cultural nacional, com um número de projetos e conteúdos apresentados nos Palácios de Sintra, bem como muitas colaborações «virtuosas» que hoje integram o trabalho feito pelo Divino Sospiro num plano de grande destaque.

www.divinosospiro.org/ - www.facebook.com/DIVINOSOSPIRO

Hugo Oliveira

Barítono

Nascido em Lisboa, Hugo Oliveira foi membro do Estúdio de Opera do Porto – Casa da Música, onde participou em produções como *Joaz* (Jojada) de Benedetto Marcello sob a direção de Richard Gwilt, *L'Ivrogne Corrige* (Lucas) de Gluck com direção musical de Jeff Cohen e *Frankenstein!* de Heinz-Karl Gruber dirigido por Pierre-Andre Valade e em 2006, com a Orquestra Sinfónica de Londres sob a direção de François-Xavier Roth, no Barbican Center em Londres.

Inserido na prestigiada série de ópera do Concertgebouw – Zaterdagmatinée NPS, interpretou *La Wally* de Catalani (Pedone) e *Samson et Dalila* de Saint-Saëns (2e. Philistin), ambas sob a direção de Giuliano Carella, e *Lohengrin* de R. Wagner (Dritte Edler), dirigido por Jaap van Zweden.

No Festival de Aix-en-Provence, Hugo Oliveira foi o protagonista da ópera *Un Retour* de Oscar Strasnoy. Interpretou ainda *As Bodas de Figaro* (Figaro) no Coliseu do Porto, sob a direção de Young-min Park, *Les malheurs d'Orphée* de D. Milhaud (Orphée) com Ebony Band em Paris (Cité de la Musique), *Melodias Estranhas* de António Chagas Rosa com Stefan Asbury, *Paint me* (Howard) de Luís Tinoco dirigido por Joana Carneiro, *L'enfant et les Sortilèges* (Fauteuil) sob a direção de Wayne Marshall no Concertgebouw Amsterdam, *Dido and Eneas* de Purcell (Eneas), *Venus and Adonis* (Adonis) de John Blow, *Le Carnaval et La Folie* de Destouches (Momus) com Os Músicos do Tejo e *Rappresentazione di Anima et di Corpo* de Cavalieri com AKAMUS (Rene Jacobs) na Staatsoper Berlin. Hugo Oliveira cantou também o *Orfeo* de Monteverdi (Plutone) com o Divino Sospiro e, como Caronte, com o *ensemble* francês Akadêmia em Delhi e Paris.

O seu vasto reportório estende-se ainda à Oratória, salientando-se obras como o *Requiem* de Mozart com a Orquestra Gulbenkian (Michel Corboz), *Missa em Dó menor* de Mozart em França com ONLP (Sascha Goetzl), *Die Legende von der Heiligen Elisabeth* de Liszt (Gennadi Rozhdestvensky), *Requiem* de Brahms (Marcus Creed), *Solomon* de Händel (Paul McCreesh), *Pulcinella* de Igor Stravinsky (Martin André), *Les Noces* de Stravinsky (Rob Vermeulen) e *Jetzt immer Schnee* de Gubaidulina com o Asko Schönberg Ensemble (Reinbert de Leeuw).

Hugo Oliveira tem-se destacado internacionalmente pela interpretação do repertório *Bachiano* com maestros como Ton Koopman, Franz Bruggen, Peter Dijkstra, Klaas Stok, Paul Dombrecht, Peter van Heyghen e Vaclav Luks.

Hugo Oliveira trabalhou ainda com Jordi Savall (Les Concert des Nations), Bruno Weil (Wallfish Band), Gabriel Garrido (Ensemble Elyma), Andrzej Kosendiak (Wroclaw Baroque Orchestra), Kenneth Weiss, Nigel North, Lawrence Cummings, Christophe Rousset, entre outros.

Vittorio Ghielmi

Instrumentista italiano de viola da gamba, maestro, compositor, diretor do Instituto de Música Antiga e professor do Mozarteum Salzburg e professor visitante no Royal College (Londres). Comparado pelos críticos a Jasha Heifetz (*Diapason*) pelo seu virtuosismo, atraiu a atenção pela sua nova abordagem à viola de gamba e ao repertório barroco. Atua regularmente como solista ou maestro com as mais famosas orquestras (Il Giardino Armonico, Orquestra Freiburger Baroque, Akamus, Filarmónica de Los Angeles no Hollywood Bowl Hall, Wiener Symphoniker). Como um dos líderes da cena musical antiga, dividiu o palco com músicos como Gustav Leonhardt (duo), C. Bartoli, Reinhard Goebel, ou com Andrés Schiff, T. Quasthoff e V. Mullova. Durante três anos foi assistente de Riccardo Muti para o Salzburger Festspiele. O seu *ensemble* Il Suonar Parlante, regularmente convidado para as mais importantes salas

de concerto (Berliner Philharmonie, etc.), dedica-se a uma nova investigação do repertório de música antiga, bem como à criação de novos projetos, além de tocar com importantes músicos de jazz (K. Wheeler, Uri Caine, P. Fresu, M. Stockhausen). Colaborou com o *regisseur* de Hollywood Marc Reshovsky, criando um espetáculo em torno de *Membre Jesu Nostri* de Buxtehude.

Vittorio gravou vários CD como solista ganhando muitos prémios críticos. No verão de 2018, dirigiu *Pygmalion*, de Rameau, no Drottningholms Slottsteater (Estocolmo), em colaboração com o *regisseur* e bailarino Saburo Teshigawara (Karas).

O seu trabalho de campo no âmbito das antigas tradições musicais sobreviventes levou-o a receber o Prémio Erwin Bodky (Cambridge, Massachusetts, EUA, 1997) e o prestigiado Prémio Echo Klassic 2015 (Alemanha). A colaboração com músicos tradicionais está documentada no filme *The Heart of Sound - uma jornada musical com Vittorio Ghielmi*, BFMI (Salzburg-Hollywood).

Mais informações em www.ilsuonarparlante.com.